

A ARTE ORNAMENTAL

(SECÇÃO DAS VESTIMENTAS ECCLESIASTICAS)



Que a exposição tenha sahido bem, ou que tenha sahido mal, quem d'ahi lava completamente as suas mãos é Delfim.



(1) Calix de ouro esmaltado da Sé de Evora. Ourivesaria portugueza do seculo XVI.

(2) Prato hispano-arabe. Fayança de reflexos metalicos da collecção do snr. D. Fernando.

(3) Prato portuguez, stylo da Renascença, de prata dourada, da collecção do snr. D. Fernando.

A EXPOSIÇÃO D'ARTE ORNAMENTAL

Algumas palavras ácerca da Exposição d'Arte Ornamental, e promettemos não os tornar a massar com este assumpto.

*
*
*

Consagrando o presente numero a alguns dos aspectos d'essa exposição, o *Antonio Maria* presta o devido tributo do seu respeito aos individuos que promoveram e realisaram no palacio das Janellas Verdes a reunião de muitas obras constituindo uma parte consideravel da riqueza artistica do paiz, que o publico não poderia conhecer nem estudar por outro meio.

*
*
*

Agora, a nossa impressão ácerca da importancia d'este facto sobre o conhecimento dos elementos constitutivos da arte portugueza, suas origens e sua evolução.

O que para a critica se deduz do exame dos documentos colligidos no Palacio das Janellas Verdes é o seguinte:

Representam bem esses documentos os principaes vestigios do trabalho artistico em Portugal, — sim ou não?

No primeiro caso dizemos: Em Portugal não existe uma arte profana; existe apenas uma arte religiosa e uma arte de sacristia.

No segundo caso perguntamos: Os documentos que faltam n'esta collecção perdeu-os a sociedade ou não os souberam encontrar e reconhecer os individuos encarregados de organizar esta exposição?

Tal é o problema, que esperamos vêr brevemente esclarecido pelas profundas luzes que o snr. Delfim Guedes não deixará por certo de derramar sobre o assumpto.

Emquanto sua excellencia se não pronuncia, resolvendo definitivamente a questão sujeita, a nossa opinião, que humildemente pedimos licença para emittir é:

Que o genio artistico da nação portugueza produziu durante os tempos da sua vida historica mais algum trabalho alem d'aquelle de que os calix, as patenas, as custodias, os frontaes d'altar e os paramentos de egreja recolhidos na Exposição d'Arte Ornamental nos offerecem os vestigios.

Muitos d'esses productos industriaes da arte civil admira-nos pouco que os não encontrassem os organisadores d'esta exposição, porque elles desapareceram por effeito da imbecillidade dos governos, absolutamente desconhecedores da importancia d'esses documentos para a historia da nossa autonomia mental, e por effeito ainda da ignorancia e da perversão do gosto, características das nossas familias nobres e ricas, bestificadas durante tres seculos pela deprimente educação jesuitica.

Para explicarmos, por exemplo, o desaparecimento das espadas de cõrte que deveriam ter sido cingidas outr'ora pelos nossos cavalleiros e fabricadas pelos nossos alfagemes celebres, bastará considerar que as bellas armaduras dos duques de Bragança, as quaes ainda no principio d'este seculo existiam no salão de Villa Viçosa, foram ali vendidas aos ferreiros da localidade, os quaes naturalmente transformaram os morriões em caçarolas, os punhaes em espevitadeiras e as espadas em tezouras de tosquia.

Não é todavia nos thesouros dos mosteiros, constituídos segundo o criterio fradesco, nem nas collecções de familia, dispersas pela dissolução dos costumes e pela irreverencia das tradições heroicas, que teem de ir procurar o fio truncado da inspiração esthetica aquelles que se encarregam de nos dar o espectáculo do trabalho artistico de uma nação.

Sobre as industrias tradicionaes do povo é que principalmente devem recahir para esse fim as atenções dos investigadores.

Ora são precisamente essas industrias que não vemos representadas na exposição d'arte ornamental.

Esta lacuna é profundamente lastimosa, porque é n'esses trabalhos livres e expontaneos do povo que mais puramente e mais brilhantemente se revelam as tendencias e as disposições artisticas de uma raça.

As joias d'altar, feitas por encomenda d'ordens ricas ou de reis beatos, são documentos subalternos.

O povo é que é o depositario, o guarda e o cultor da tradição, do stylo e do gosto de um paiz.

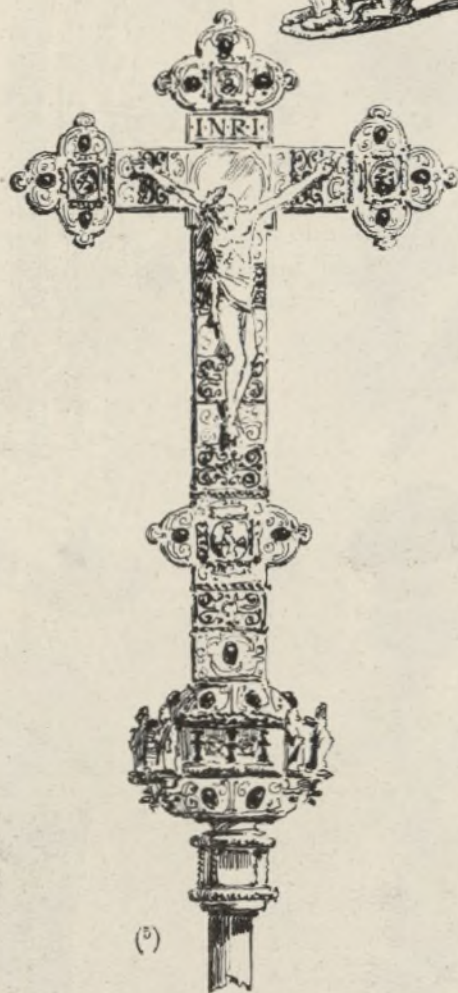
E nós sustentamos que uma simples canga dos bois minhotos, ou uma bilha da Beira, d'aquellas com que as mulheres de Coimbra vão buscar agua ao Mondego, tem mais character artistico e mais valor ethnologico do que as patenas e as custodias de D. João V, todas juntas.

EXPOSIÇÃO DE ORNAMENTAL

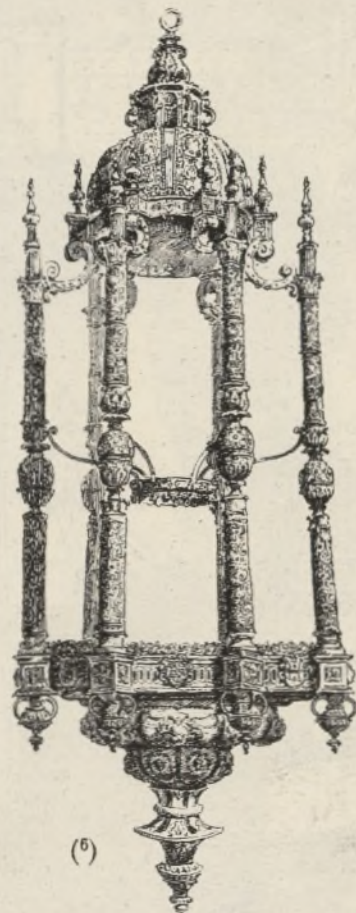




(4)



(5)



(6)

(4) Cofre de bronze ornado de prata, do século XVI, da collecção da Academia de Bellas Artes.

(5) Cruz de azeviche, esculptura indiana do século XVII, da Sé de Coimbra.

(6) Lampada de prata, século XVI, da Sé de Coimbra.

O IMPOSTO DO SAL

Conhecem-se já as novas medidas financeiras do snr. Fontes Pereira de Mello.

Por meio da combinação profunda achada pelo grande homem, vae a gente pagar de imposto pelo sal seis vezes o que custa o sal, ou sejam apenas por cada litro mais 10 réis, — uma bagatella, uma ninharia! — e por esta fôrma se salva esta caranguejola da bancarrota por mais tres mezes. Vale a pena.

A belleza toda de tão profunda medida consiste n'esta particularidade engenhosissima:

Que os eternos desfrutados é que virão a pagar quasi tudo, ao passo que os cavalheiros desfrutadoras da nossa coisa publica quasi que não pagarão nada pela applicação do novo imposto.

Por exemplo:

O snr. Fontes Pereira de Mello, que até aqui pagava 3 réis de sal por anno para os seus jantares de *garçon*, passará a pagar agora, de consumo e de imposto, 18 réis por anno.

Os pescadores de Cezimbra, de Olhão ou de Aveiro, cada um dos quaes pagava até aqui pela salga do seu peixe 8:000 réis, passarão a pagar agora 48:000.

Assim para uns a nova contribuição é apenas uma fixação poetica, um imposto de sal... attico. Para os outros é um imposto de sal — na moleira!

A NOSSA POLICIA

Em um dos dias da semana passada penetrou a policia em uma casa onde se encontrou com o espectáculo de uma familia inteira envenenada em torno de um prato de almondegas.

Duas pessoas d'essa familia estavam mortas. O snr. Arrobas mandou-as enterrar. Duas outras estavam a morrer. O snr. Arrobas mandou-as para o hospital.

Depois do que, o snr. Arrobas ficou só, com uma familia a menos para mandar dispersar do Chiado e com umas almondegas a mais entre os seus braços.

—Perante a sciencia administrativa — perguntou então sua excellencia a si mesmo — o que são as almondegas?

E, depois d'alguns minutos de meditação, sua excellencia respondeu a si proprio:

— As almondegas perante a sciencia, não são em realidade mais do que um cadaver de boi reduzido á fôrma de pilulas.

E em seguida, mandando avançar a tumba da Santa Casa da Misericordia, o snr. Arrobas derramou no seio d'ella as almondegas que estavam no seio d'elle, e fez rodar os restos do boi fallecido atraz dos membros da familia morta para os cyprestaes do esquecimento e do repouso eterno.

Faz amanhã oito dias que se deu esse caso, e ninguem sabe ainda hoje como é que foi envenenada aquella familia.

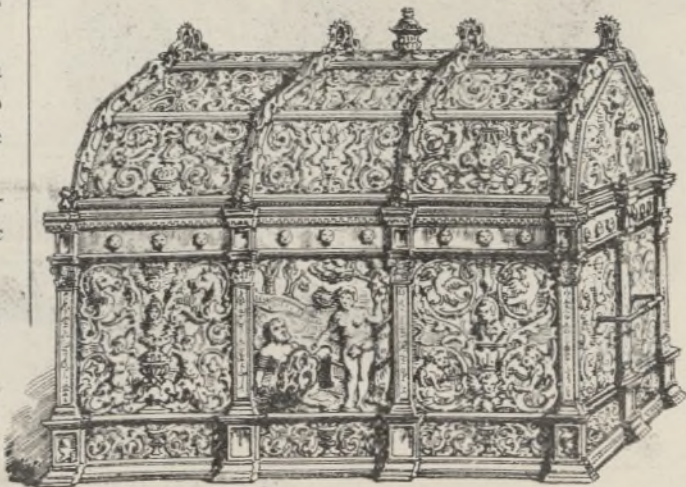
As almondegas subtrahidas pela intervenção da policia á analyse immediata da sciencia, que explicaria tudo, jazem talvez em sagrado no cemiterio dos Prazeres á hora a que escrevemos estas linhas.

Quer porém as tivessem enterrado quer não, analysal-as agora era difficilimo pela razão de que ha já processo instaurado, e seria uma de mil diabos a estas horas o poder decidir quem é que governa nas almondegas, se é o coveiro, se é o parocho, se é o patriarcha, se é a familia, se é o juiz, se é o delegado de saude, se é o commissario de policia, se é o administrador do bairro, ou se é o habil Ferreira.

Parece que, existindo annexo ao commissariado geral da policia um laboratorio chimico onde n'estes casos se faça rapidamente a analyse de uma substancia suspeita, as almondegas de que se trata não poderia pertencer a mais ninguem senão á direcção technica do referido laboratorio.

Dá-se porém uma particularidade singular, e vem a ser:

Que tal laboratorio não existe.



EXPOSIÇÃO DA ARTE ORNAMENTAL



BORDALLO PINHEIRO

(SECÇÃO DAS VESTIMENTAS CIVIS)